ATIVIDADES DE AVENTURAS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Francisco Finardi
Professor de Educação Física da rede municipal de São Vicente
Carla Ulasowicz
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo - IPUSP, Universidade Guarulhos – Campus Centro,
Professora de Educação Física da rede particular do estado de São Paulo.

Resumo

As práticas corporais de aventura são muito debatidas nas esferas do esporte e lazer e, até certo ponto, pouco disseminadas na escola. Elas ganharam grande debate no âmbito pedagógico à partir da introdução do tema na nova Base Nacional Curricular Comum, destacando-a como uma unidade de ensino a ser discutida e ressignificada na escola apenas do 1º ano do Ensino Fundamental I ao Ensino Médio. Em relação à Educação Infantil, as práticas pedagógicas apoiam-se na Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI) tendo como eixos norteadores as interações e as brincadeiras. Neste sentido, porque não interagir com as práticas corporais de aventura por meio das brincadeiras?. O objetivo deste relato é o de apresentar uma proposta de unidade didática para o ensino dessas práticas corporais nas aulas de educação física na Educação Infantil por meio dos jogos e brincadeiras. Participaram deste estudo 200 alunos com idade média de três a quatro anos de idade pertencentes a rede municipal de ensino de São Vicente. O programa de ensino foi iniciado com o tema gerador em uma roda de conversa, em que foi exposto a temática *O que são para vocês atividades de aventura?*. As atividades tematizadas foram: skate, triciclos, rolimã, escalada, surf, slackline, patinete, rapel e tirolesa, Le Parkour, corrida e caminhada de aventura, os quais foram apresentadas em formas de desenhos, figuras, vídeos e vivências práticas na natureza. Os conceitos estudados com os alunos tiveram como foco os conhecimentos sobre o corpo como o equilíbrio estático e dinâmico, a força e as atividades naturais como saltar e pendurar-se, além de discussões sobre a preservação do meio ambiente. A avaliação foi feita por meio de ressignificações e reflexões da prática pelos alunos em roda de conversa e registro do conteúdo aprendido por desenhos. Por observação do professor ao decorrer da proposta, os alunos interessavam-se pelas atividades apresentadas, motivando-se a praticá-las e ressaltando as vivências das aulas anteriores quando pediam para repeti-las. Conclui-se, portanto, que a unidade temática teve eficiência a partir da construção do saber pelos alunos que desempenharam um papel ativo no ambiente de aprendizagem por meio de desafios, conforme sugerido pelas DCNEI.

Palavras chaves: Educação Infantil, Atividades de aventura, Educação Física escolar.

Relato de experiência

Como trabalhar as práticas de aventuras na Educação Física escolar (EFE) para alunos da educação infantil? Será possível brincar de aventurar-se? Como mediar os saberes por eles (alunos) trazidos à escola pelas mídias televisivas e pelos olhares do seu entorno, visto que São Vicente é uma cidade litorânea e as práticas de aventuras estão presentes no dia-a-dia da população seja pelo fazer ou pela observação? Que atividades devemos apresentar aos alunos que remetam aventuras e que consigam vivenciá-las de maneira lúdica?

Motivado por estas indagações e indo ao encontro das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil que visa o aprendizado por meio dos jogos e brincadeiras na EFE, decidiu-se propor a unidade temática *Atividades de Aventuras* como tema norteador das aulas. proporcionando vivências para os alunos de maneira lúdica (brinquedos e brincadeiras), uma vez que esta ludicidade faz parte do contexto desta população.

As atividades foram realizadas em uma escola municipal de São Vicente, totalizando a participação de 200 alunos, divididos em sete turmas, com idade média de três a quatro anos de idade. Para o tema foram disponibilizadas 14 aulas com a duração de 45 minutos cada.

Para darmos início à temática, visando uma avaliação diagnóstica, fizemos a pergunta aos alunos em uma roda de conversa: *O que são para vocês práticas de aventuras?* Encontramos as seguintes respostas: surf; skate; *Professor eu tenho uma prancha*; um dinossauro; pulo; bicicletas; correr assim (o aluno demonstrou); brincar; entre outros.

De posse destes relatos, as atividades tematizadas foram: skate, triciclos, rolimã, escalada, surf, slackline, patinete, parapente e asa delta, rapel e tirolesa, Le Parkour, corrida e caminhada de aventura; as quais foram estudadas por meio de vídeos, imagens, rodas de conversas, vivências práticas e a participação de atletas amadores de regiões próximas que demonstraram suas habilidades em determinada modalidade.

Nas roda de conversa, após a vivência de determinada modalidade, era lançada a pergunta pelo professor responsável *O que vocês acharam? Quem já realizou esta atividade de aventura ou alguma parecida*?, de forma que os alunos relatassem suas perspectivas e subjetividades em relação à vivência.

Para construção do conceito de aventura, nas aulas subsequentes, foi solicitado aos alunos que trouxessem revistas ou figuras que remetessem a estas práticas.

Figura n.1 – Imagens das práticas de aventuras apresentadas aos alunos na roda de conversa

Após a vivência, as experiências eram registradas por meio de desenhos e estes eram utilizados como uma avaliação formativa para a reestruturação dos conceitos pelo do professor a serem contextualizados novamente pelos alunos. Cada aluno fazia a exposição no grupo sobre os conceitos construídos.

Figura n.2 – Desenhos construídos pelos alunos após as vivências práticas como forma de registro e construção dos conceitos.

As primeiras vivências realizadas foram a falsa baiana, tirolesa adaptada e pontes de corda.

Figura n.3 –Vivências práticas: falsa baiana, tirolesa adaptada, pontes de corda

A segunda vivência relacionou-se a um circuito de habilidades motoras, com as seguintes atividades: a caverna com tubo de plástico, ponte feita de madeira, pedra com arcos, caiaque adaptado com o skate, entre outros. O lúdico fez-se presente na adaptação do circuito por meio de um ambiente historiado. Os alunos foram divididos por estações e cada estação tinha um tempo pré-determinado para execução. Nesta aula, foram discutidos com os alunos os conceitos de força e equilíbrio na execução das atividades e o uso destas capacidades nas tarefas do dia-a-dia.

Figura n.4 –Circuito de habilidades motoras e aula historiada.

A terceira vivência foi a de aventura urbana. Foi solicitado que os alunos levassem alguns equipamentos para escola como bicicleta, skate, patins, patinetes. As perguntas norteadoras desta prática foram: *Quem conhece estes equipamentos? Quem sabe o nome deles? Quem já andou? Quem sabe explicar como anda? Quem ensinou para você?* Encontramos um leque de respostas: *Eu vi na TV, Tem o desenho "x" que o personagem "y" anda de skate, Meu tio me ensinou, Meu avô me explicou e eu andei, Eu vi na praia*. Logo após as informações obtidas, tivemos as vivências de exploração. Os alunos trocaram informações entre si e houveram alunos que incentivaram outros que tinham medo na execução das atividades.

Figura n.5 – Atividades de aventura urbana.

A quarta vivência foi a escalada na árvore. *Quem aqui já escalou? Quem já subiu em árvores?* Para esta atividade, algumas adaptações foram realizadas priorizando a segurança dos alunos, tais como cordas, tecidos amarrados na árvore, colchonetes, combinados o lugar para localizar-se na árvore, agachar, esperar a sua vez e o uso do capacete. Começamos a explorar esta escalada de várias maneiras: o aluno subindo sozinho na árvore, um aluno cooperando com o outro para subir, utilizando bancos e/ou escadas e cordas.

Figura n.6 – Escalada na árvore.

A quinta vivência foi a rapel. *Quem já escalou? O que é rapel?* Obtemos as seguintes respostas*: Escalei no shopping, Escalei na porta de casa, Escalei na janela da minha avó, Escalei no SESC, Escalei na festa do meu amigo, É uma parede com umas pedras que eu subi e o homem prendeu uma corda em mim eu subi*. Percebemos que eles conheciam esta atividade e que elas estavam incluídas no cotidiano deles.

Para a construção da rapel, desenhamos um paredão no chão e junto com os alunos construímos as agarras com lego e as posicionamos no paredão. Solicitamos para que eles as contornassem e realizassem passagens simbolizando as escaladas. Deixamos eles explorarem por quatro ou cinco minutos e modificamos a escalada que agora deveria ser seguida por uma sequência de setas da mesma cor. É importante salientar ao aluno que estas atividades devem ser realizadas com a presença de um adulto.

Figura n.7 – A escalada e o rapel.

Como toda aventura, não podemos deixar de pensar de como avaliar a segurança dos alunos. Com esta proposta iniciamos a sexta aula: caminhada na mata. Esta aventura começa com uma boa roda de conversa: *O que é aventura para você? Quem já participou de uma trilha com seu responsável (pai/mãe)? Quem já brincou em brinquedos com cordas, pontes?* Após a roda de conversa, fizemos uma caminhada de aventura pela escola. Montamos uma cabana, passamos por um rio, atravessamos duas pontes, passamos pela mata, pela cama de gato (cipós), encontraremos animais simbolizados pelo caminho. Durante o percurso, orientamos os alunos a encontrarem um pedaço de galho para ajudar na caminhada. Após, os alunos foram orientados a andarem um atrás do outro para aprenderem a não aumentar a trilha na mata e , com isso, preservarem o meio ambiente. Aprendemos a amarrar fitas da mesma cor para não andarmos em círculos e nos orientarmos. As cachoeiras ou rios foram simbolizados pelos bebedouros. Cada aluno levou sua caneca. Trocamos a caminhada por um trote e os ensinamos que na mata todos devem ficar juntos.

É importante salientar que todo o percurso teve o simbolismo como fator central: algumas cadeiras eram pontes, as aves do jardim eram as aves da mata etc.

Figura n.8 – Caminhada na mata.

Nesta sétima aula, tivemos a parceria da Associação de Skate de São Vicente que cedeu os equipamentos para a vivência. Foi feita uma roda de conversa inicial com os alunos para explicar o que era o skate, onde surgiu, o que o compõe, equipamentos de segurança, normas de segurança, formas de equilibrar-se no skate. O primeiro passo foi colocar o capacete, o segundo uma breve explicação de como subir e andar no skate e ainda utilizamos um skate feito a giz no chão, para demonstração e para que o professor e os alunos realizassem a atividade juntos. Após, os que não sabiam andar andaram com ajuda dos professores e, os que já sabiam, andaram sozinhos. Utilizamos, também, a prancha de equilíbrio.

Figura n.9 – Aula de skate.

A oitava vivência foi a de surfe com uma surfista amadora de aproximadamente dez anos. A ideia da aula surgiu devido a um campeonato de surfe que acontecia na região. Trabalhamos com os alunos os conceitos de *arrebentação e dropa*ndo utilizados no surfe. Apresentamos aos alunos os equipamentos do surfe e como é estruturado um

esporte profissional e possibilitamos aos alunos fazerem perguntas à convidada. No terceiro momento vivenciamos o slakeline, ponte de equilíbrio, skate, skatesurfe, prancha de equilíbrio e surfe skate aéreo.

Figura n.10 – Aula de surfe.

A aula de número nove, dez e 11 foram aulas de voo e as de número 12, 13 e 14 de Le Parkour. Conversamos com os alunos sobre voo e os cuidados que é necessário ao executá-lo. Em seguida, apresentamos dois vídeos em forma de desenho sobre o voo de parapente. Na sequência, fizemos uma vivência com o balanço e em seguida, na cadeira com o simulador de voo. Em um segundo momento, fizemos a vivência com o paraquedas cooperativo. No terceiro momento, brincamos com brinquedos que voam, por exemplo: aviões de papel feito por eles, paraquedas com ajuda deles, e disco de plásticos (tampas redondas de sucata)

.

Figura n.11 – Primeira aula de voo.

Figura n.12 – Segunda aula de voo.

Le Parkour na educação infantil? Sim. Iniciamos a nossa aula com uma boa conversa: *Quem conhece a França? Alguém conhece alguma modalidade que surgiu neste pais? Quem conhece o Le Parkour?* Alguns sempre respondem que conhecem e sabem sobre tudo. Quando perguntamos: *Quem sabe cair? Rolar? Saltar? Pular?* Apresentamos um vídeo da modalidade. Na sequência, vivenciamos algumas quedas e rolamentos nos colchonetes. No segundo momento, exploramos a escola e equipamentos: subir no muro, saltos de cima para baixo e vice-versa em cadeiras etc.

Figura n.13 – Aula de Le Parkour

Os conteúdos conceituais estudados com os alunos tiveram como foco os conhecimentos sobre o corpo como o equilíbrio estático e dinâmico, a força e as atividades naturais como saltar e pendurar-se, além de discussões sobre a preservação do meio ambiente. Aos conteúdos procedimentais destacam-se a execução das atividades e a explicação de como executá-las. Para os conteúdos atitudinais destacam-se a ajuda mútua dos alunos durante as atividades e o respeito ao próximo. É importante ressaltar que estes conteúdos (conceituais, procedimentais e atitudinais) são articulados de maneira integrada durante o processo de ensino-aprendizagem, seu aprendizado não ocorrem isoladamente.

Figura n.14 – Registros da avaliação final.

A avaliação final, ou formativa, foi divida em três partes. A primeira foi iniciada com uma roda de conversa perguntando aos alunos quem deles recordava das atividades de aventura, registrando-as em forma de desenho. No segundo momento, após ter recolhido os desenhos, perguntamos o que eles lembravam das aulas realizando o relato oral. E no terceiro momento, cada aluno explicou o seu desenho.

Constatamos que a maioria dos alunos recordaram das atividades vivenciadas e que, pelos relatos, elas foram significativas, motivantes e prazerosas por desvincularem-se das atividades padronizadas e repetitivas das aulas de Educação Física. Salientamos, também, a ressignificação de conceitos apreendidos quando os alunos são capazes de reconhecer as atividades vistas no seu entorno e contextualizá-las.

De acordo com o relato apresentado, conclui-se que a unidade temática teve eficiência a partir da construção e compartilhamento dos saberes pelos alunos e pelo professor, os quais desempenharam um papel ativo no ambiente de ensino-aprendizagem. Como sugerido pela DCNEI, os participantes da educação infantil devem

ter suas aulas moldadas pelo desafio de aprender, o que foi apresentado durante as vivências práticas das modalidades de aventura.

Referências

ACCORSI, L. R. DA C. (et. al.) Manual de atividades para crianças pequena 1ed - São Paulo: Supimpa, 2018.

APOLO, A. Educação Física Escolar: o que, quando e como ensinar - Lopes - São Paulo: Phorte, 2012.

ARMBRUST, I. & LAURO, F.A.A. O Skate e suas possibilidades educacionais. Motriz: Revista de Educação Física (online), v.16, p.799-807, 2010.

ARRIBAS, T. L. A Educação Física de 3 a 8 anos - 7ed. - Porto Alegre: Artmed, 2002.

ARAÑA, F. Aprender a surfar: esporte, lazer, saúde e integração com a natureza - 4ed. Everest: Santos, 2012.

BERNARDES, L.A. (ORG.) Atividades e esportes de aventura para profissionais de Educação Física - Ed. PHORTE: São Paulo, 2017.

BORGES, C. J. Educação Física para o pré- Escolar - Rio de Janeiro: 6ed.: Sprint, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais de Educação BÁSICA- Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BUCKLEY, R. & UVINHA, R.R. Turismo de aventura: gestão e atuação profissional. São Paulo: ELsevier, 2011 v 1. 240p

BUNGENSTAB, G.C. et. al. Educação Física no ensino médio: Possibilidade de ensino das praticar corporais (de Aventura) - Corpoconsciência, Cuiabá- MT, vol. 21, N 03 p. 29-40, set/dez, 2017.

CORREIA, W. R & BASSO, L. Pedagogia do movimento do corpo humano - 1ed. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2013.

FIGUEIREDO, J. DE P. (et. All.) Atividades de Aventura: vivência para diferentes faixas etárias. São Paulo: Supimpa, 2018.

LAURO, FLÁVIO ANTÔNIO ASCAND. SKATE: DE VILÃO A MOCINHO. IN. ALCYONE MARINHO, EDUARDO TADEU COSTA; GISEE MARIA SEHWARTZ (ORG.) Entre o Urbano e a Natureza; A Inclusão na aventura 1ed São Paulo: Lexia, 2011.

LOUREIRO, W. (et. All.) Radicalizando e Aventurando com a Educação Infantil - Corpoconsciente, Cuiabá- MT, vol. 22, N 01, p.53-65, jan/abr. 2018.

MALDONADO, D. T. & SILVA, S. A. P. DOS S. Do "rola a bola" à inovação pedagógica nas aulas de Educação Física: uma análise dos bastidores do cotidiano escolar público ED. CRV: Curitiba, 2017.

MOSER, A. E D' ÂNGELO, F. (ORG.) Guia da prática pedagógica: oficinas do esporte - et. All. 3. ED. - Porto Alegre: Mediação, 2015.

MATTOS, M. G. & NEIRA, M. G. Educação infantil: construindo o movimento na escola. - 5ed. São Paulo: Phorte, 2005.

MATTOS, M. G. & NEIRA, M. G. - 2ed. São Paulo: Phorte, 2007.

NEIRA, MARCOS GARCIA Prática corporais: brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas São Paulo: ED. Melhoramento, 2014.

NISTA-PICCOLO, V. L. & MOREIRA, W. W. Corpo em movimento na Educação Infantil 1 ED São Paulo: Telos, 2012.

RODRÍGUEZ, C. G. Educação física infantil: motricidade de 1 a 6 anos - São Paulo: Phorte, 2005.

SCHWARTZ, G. M. Aventura na natureza: consolidando significados - Jundiaí: SP, Fontoura, 2006.

SILVA, B. A. T. DA (ORG.) Manifestações culturais radicais nas aulas de educação física escolar - Volume 15 - Curitiba: CRV, 2016.